

-Nós estamos correndo, nós estamos correndo, não temos tempo, responderam as nuvens e olharam tão sérias que a menina ficou com medo e correu para o mato.

Lá havia uma roseira com muitos botões de rosas.

-Minha querida roseira, eu sei que você gosta tanto do sol como eu, você pode me dizer onde ele estará hoje?

A roseira sussurrou:

-Ai, eu estava com sede, as minhas folhas estavam cheias de pó, os meus botões estavam quase murchos.

-Mas o sol! - chorou a menina.

-Ai, eu estava com tanta sede. Caíram gotas e minhas folhas beberam, meus botões se levantaram, era fresco e maravilhoso! E se o sol chegar, os meus botões vão se abrir e ele vai me beijar, continuou cantando o arbusto.

-Então você acredita que ele vai voltar, perguntou Mariazinha mais uma vez. Mas a roseira ficou calada, totalmente sonhadora e absorta.

A pequena menina continuou tristemente a procurar. A floresta era tão escura e horripilante, os sapos coaxavam na grama molhada. A menina estava quase voltando a chorar, quando chegou um pássaro vermelho. O pássaro sentou-se no ombro da menina e olhou-a carinhosamente com seus olhos brilhantes:

-O que você me daria de presente se eu chamasse o sol, Mariazinha?

-Um beijo, um doce beijo, disse a menina.

Com essas palavras, ela pegou no pescoço do pássaro e deu um beijo gostoso no seu bico. Ele acenou com a cabeça e voou para o topo da árvore mais alta. Lá começou a cantar, de início baixo e calmamente, depois mais e mais alto. No final, cheio de felicidade, cantou tão alto que todas as flores levantaram a cabeça e todos os animais escutaram a música, impressionados. Mariazinha dançou de alegria, enquanto o pássaro cantava e o céu começava a clarear. De repente, o sol grande e brilhante apareceu atrás das nuvens negras. Estas foram embora o mais rápido possível. O vento deitou calmo nos pés do sol, a chuva rastejou para dentro da terra e acima dos campos brilhou um arco-íris gigante.

-Olá, meu sol querido, gritou Mariazinha e estendeu os braços na sua direção. Jogou mais alguns beijinhos para o pássaro vermelho que balançava em cima dos ramos. Depois, ela foi para casa e - vocês já conseguem imaginar - ela contou toda a história para Fritz, do começo até o final. E assim, ele percebeu que ainda não sabia de tudo.

Tradução de Annelie Scheider

Quando não havia jeito de chover

- Se não chover longo, me atiro no chão; disse o guarda-chuva para a bengala de passeio enfeitada com uma cabeça de cobra e que sempre saía quando o pessoal da casa ia passear.

- Morro de chatice. Este horroroso tempo ensolarado! Se não chover logo, acho que desmaio.

Mas não chovia. O sol ardente brilhava e brilhava no céu claro. E quando o sol se deitava, continuava quente e abafado. As folhas das árvores estavam empoeiradas e ressecadas; as flores desabrochavam e logo murchavam; os pássaros procuravam nervosos por água; até o riacho havia secado. Na estrada marchavam soldados mal-humorados e sedentos, cobertos de poeira da cabeça aos pés.

E o guarda-chuva, de pura raiva e monotonia, caiu mesmo do suporte.

À tarde os soldados faziam manobras, *cabum, cabum!*

Então algumas nuvens curiosas espriaram de bem longe no horizonte:

- Que "*cabum, cabum*" é esse?, perguntaram elas e chegaram mais perto.

E mais e mais nuvens se aproximavam e queriam saber de onde vinha o barulho. Mas não conseguiam chegar a uma conclusão. Começaram a brigar e batiam uma na cabeça das outras. E querem saber de uma coisa? Quando as nuvens batem uma nas cabeças das outras, elas arrebentam e quando arrebentam, acabam fazendo chuva! E foi assim que naquele dia desabou um belo temporal sobre a terra!

As folhas e flores respiraram fundo e beberam água até fartar, os pardais brincavam nas poças; o riacho corria; os soldados cantavam uma alegre marcha ao ir para casa e o guarda-chuva foi passear no pátio com o pequeno Fritz e as botas de borracha.

Ele inchava de alegria e pensava na bengala com a cabeça de cobra, largada triste em um canto, pois não podia ir passear.

Tradução de Erica Foerthmann Schultz

A pequena pretzel

Sim, sim, nossa querida pequena Pretzel, a adorável rosquinha, estava com problemas, escutem só!

A pequena Pretzel vivia junto com uma grande Pretzel numa padaria do povoado. Elas se amavam tanto que nem podiam dormir separadas uma da outra, de tanto que se amavam.

Porém, numa certa manhã, a grande Pretzel disse para a pequena:

-Pretzelzinha, preciso viajar por uns dias, não se amedronte, pois voltarei logo.

A Pretzelzinha esperou pacientemente por três dias e depois mais três dias. Depois começou a chorar e chorou por uma semana. Então parou, empacotou uma camisa e um gorro e se pôs a andar, para procurar a grande Pretzel. Ao anoitecer ela começou a ficar cansada, pois a cidade para onde a grande Pretzel tinha ido era muito distante e ela não tinha conseguido nenhuma condução. Finalmente encontrou um coelho que tinha um pequeno carro.

-Por favor, querido coelho, deixe-me ir com você. Eu não tenho pernas, então para mim é difícil caminhar, disse a pequena Pretzel.

-Com todo o prazer! Podes vir comigo até o viveiro, disse o coelho.

A Pretzelzinha subiu no carro e foi junto até o viveiro dos coelhos. Quando ela queria agradecer o coelho disse:

-Não há de que, mas em recompensa, deixe-me dar uma dentada em ti, eu adoro *pretzel*!

-Claro, disse ela. Então o coelho mordiscava e engolia até a pequena Pretzel ficar um tanto menor. Lentamente ela seguiu adiante pensando sempre na sua querida grande Pretzel. Assim ela chegou numa floresta fria e escura. A Pretzelzinha tremia de frio, perdendo-se na escuridão. Por sorte ela encontrou um texugo e, trêmula, chamou dizendo:

-Ah, querido texugo, você sabe onde tem aqui nas redondezas alguma hospedagem para *pretzels* pobres? Eu estou com tanto frio.

Então ele murmurou:

-Hospedagem para *pretzels* não tem, mas podes dormir na minha casa.

Pegou a pequena Pretzel e levou para sua toca. Lá ela dormiu numa cama de